

## *Revisão da Literatura*

# **A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento. Uma Revisão da Literatura**

Melissa Rodrigues Brazuna  
Eliane Mauerberg-deCastro  
*Universidade Estadual Paulista*

**Resumo**—O objetivo deste estudo foi, através de uma revisão da literatura, fazer uma análise das exigências, benefícios e impacto do esporte de alto rendimento na vida do atleta portador de deficiência desde a iniciação até a aposentadoria. O papel do esporte de alto rendimento na vida pessoal e social de atletas portadores de deficiência física é bem conhecido nos países do primeiro mundo. No Brasil, o assunto ainda não tem recebido a mesma atenção por parte dos pesquisadores, em parte, por causa da recente implantação do campo da atividade física adaptada nas universidades e, em geral, porque o esporte adaptado no Brasil requer amplo investimento pessoal, de recursos tecnológico e financeiro e mudança de atitudes pela população geral que acompanha o esporte. Sabe-se que a participação do atleta portador de deficiência física no esporte influencia nas sua saúde, comportamento e personalidade, e, em contrapartida, reflete estes efeitos no ambiente esportivo (i.e., nos outros atletas) e nas situações sociais em geral (i.e., família, comunidade e expectador). Os benefícios do esporte como ferramenta para melhorar sua qualidade de vida, envolvendo aspectos pessoais e relacionais são inquestionáveis. Entretanto existem limitações neste processo que envolvem desde as lesões esportivas, doping até stress e aspectos motivacionais negativos. Enquanto tais fatores são amplamente discutidos durante o período ativo do atleta, pouco se sabe sobre a fase após a aposentadoria. De acordo com a literatura, muitos atletas de elite portadores de deficiência física que se engajaram no esporte de alto rendimento nos anos 70 e 80 estão se tornando a primeira geração de aposentados. No Brasil, o fenômeno esporte adaptado ainda está na sua infância.

Palavras chaves: Esporte adaptado, carreira, aposentadoria, portadores de deficiência física.

**Abstract**—“The Career of Elite Athletes with Physical Disabilities in Adapted Sports. A Review of the Literature.” The purpose of this study was, through a review of literature, to analyze requirements, benefits and impact of elite sports on the life of athletes with disabilities from initiation to the retirement. The role of adapted sports on athletes with disabilities’ personal and social aspects is well known in the developed countries. In Brazil, however, this subject has not yet received the same attention since, in part, because the adapted physical education is a recent field at the university level and, in general, because the highly demanding personal, technological and financial investments, and a change in the general sport viewers’ attitudes. It is well known that sports participation is a positive influence on health, behavior and personality of athletes, both affecting the sports environment (i.e., other athletes) and the social situations (i.e., family, community and sport viewers). The benefits of sport as a viable tool to improve quality of life, in particular, the personal and relational are uncountable. Although side effects of highly demanding sports are also known throughout the active life of elite athletes (e.g., sports injuries, doping, stress and negative motivations), little is known about the stage after retirement from adapted sports. According to the literature, those elite athletes who started participating in adapted sports during the 70s and the 80s are now the first generation of retired athletes. In Brazil, the adapted sports itself is in its infancy.

Key words: Adapted sports, career, retirement, individuals with disabilities.

## **Introdução**

O esporte de alto rendimento, ou alto nível, embora historicamente represente uma forma de espetáculo e validação de uma sociedade—através de seus atletas representantes—

vem, há muito tempo, recebendo críticas e levantando preocupações entre os estudiosos das ciências do esporte. O termo “alto nível” significa algo em um plano elevado, relevante, superior, ilustre ou nobre numa escala de valores, dentro de um contexto comparativo das condições de exis-

tência (Ferreira, 1986). O alto nível é a busca do rendimento máximo do ser humano atleta. Máximo do ponto de vista biofísico, psicológico e sociológico. Isto faz com que o esporte de alto nível apresente características que o tornam seletivo, oferecendo oportunidade a um número reduzido de participantes (Barros, 1993).

O resultado do alto rendimento no esporte gera um agrupamento menor de indivíduos no topo da pirâmide, considerado o grupo de elite. Assim, embora a participação regular em qualquer esporte ou simplesmente ser fisicamente ativo gere um impacto positivo na vida das pessoas, o esporte de alto nível tem sofrido várias considerações que levam a posicionamentos ambíguos da parte de profissionais do esporte e da educação física. Particularmente, a relação competição e estresse tem levado pesquisadores a questionar seu valor ético e influências na saúde mental de quem pratica e de quem consome (espectadores e torcedores).

No campo do esporte adaptado de alto rendimento, parece que os benefícios ainda têm sido mais frequentes do que possíveis efeitos negativos. Uma das principais evidências é o evento da Paraolimpíada. Atletas paraolímpicos se tornam exemplos a serem seguidos por seus pares portadores de deficiência que ainda se encontram em diferentes estágios de sedentarismo, de reabilitação, ou de iniciação no esporte adaptado.

Uma das principais temáticas em torno do benefício deste processo do esporte adaptado de alto nível—participação, superação e legado—é sobre as atitudes. De fato, Ridgway e Boyd (1994) levantam aspectos importantes do esporte adaptado de alto nível sobre a formação de atitudes e influência no fenômeno da auto-atualização, o qual é discutido em detalhes nesta revisão.

A importância deste estudo justifica-se nos conhecidos benefícios do esporte como ferramenta para melhorar a qualidade de vida—aspectos físicos, relacionados à saúde, e aspectos pessoais e relacionais. O objetivo deste estudo é, através de uma revisão da literatura, fazer uma análise das exigências, benefícios e impacto do esporte de alto rendimento na vida do atleta portador de deficiência desde a iniciação até a aposentadoria.

## **O contato do portador de deficiência com o esporte adaptado: Em busca do alto rendimento**

### *Iniciação e desenvolvimento*

Em geral, para a criança, a noção de aceitação dos benefícios do esporte e a motivação para iniciar e continuar dependem do apoio da família (Palla, 2001). Os pais e parentes normalmente ficam orgulhosos de seus filhos atletas e de suas realizações. Tais sentimentos são espontâneos porque os pais sabem que seus filhos estão preparados (ou estão sendo) para viver uma vida de desafios onde os limites são superados. Quando começam a ter sucesso no esporte, a

sociedade reconhece que além de um atleta, o indivíduo é um cidadão potencialmente representante do orgulho da instituição de filiação (e.g., clube, cidade, estado ou país).

Embora atletas paraolímpicos tornem-se modelos para seus pares jovens, inclusive crianças portadoras de deficiência, alguns pais procuram incentivar seus filhos a ficarem fora do esporte paraolímpico por causa do ambiente que os mesmos percebem como “potencialmente anormal.” De acordo com Sherrill (1998) não é incomum que pais fiquem preocupados com a possível rejeição social contra seus filhos portadores de deficiência por estarem participando de atividades de iniciação esportiva em instituições especiais.

Quatro categorias de objetivos foram desenvolvidas por Wheeler, Steadward, Legg, Hutzler, Campbell e Johnson (1999) em relação à iniciação ao esporte adaptado: reabilitação, oportunidade social, recrutamento e continuidade no esporte. Os dois principais mecanismos de ingresso no esporte são a reabilitação (que segue a proposta de um médico ou fisioterapeuta) e a oportunidade de engajamento social com pares sob mesmas condições (resposta a um anúncio ou recrutamento esportivo de outros atletas). Muitas vezes, essa iniciação no esporte é rápida. Segundo os autores, diversos relatos justificam este fenômeno: por exemplo, na Grã-Bretanha um atleta que ficou três semanas paralisado num hospital e noutras três semanas apresentou feridas provocadas pela permanência prolongada na cama, em apenas uma semana, após ser liberado do leito, foi integrado num treinamento de esgrima.

Nos países de primeiro mundo, os atletas conseguem o status internacional no esporte adaptado entre seis meses e dois anos. As rotinas de treino e técnica os condicionam rápido para as exigências dos jogos nacionais, inclusive com oportunidade de ganhar medalhas. Na realidade, a iniciação no esporte é um processo informal.

No Brasil a história de Anderson Lopes, portador de paralisia cerebral que o deixou sem movimentos do lado direito do corpo, remete a um processo informal de preparação no esporte até a conquista da primeira medalha em competições esportivas: “Sempre fui alucinado por esportes. Nada desde muito pequeno para reabilitação até que decidi competir. No entanto, nunca conseguia conquistar uma medalha. Então, parti para o futebol. Também não fui bem sucedido. Descobri no atletismo as provas que me fariam um atleta mais do que realizado: os lançamentos de dardo e disco e o arremesso de peso. Na Paraolimpíada de Atlanta conquistei a medalha de bronze com a marca de 37 metros e 46 cm. A Paraolimpíada é o segundo maior evento esportivo do mundo. Só perde para a Olimpíada. Mas não perde o brilho” (Silva, s.d.).

Outro exemplo é de Paulo César dos Santos, portador de deficiência física desde os onze anos, quando foi baleado e teve de usar cadeiras-de-rodas. Aos quatorze anos começou a nadar e logo adaptou-se ao basquete, onde continua até hoje. Segundo ele, uma das maiores dificuldades do time é a falta de patrocínio. Por ser um esporte adaptado, o custo da manutenção da cadeira-de-rodas é muito alto. Para ele, “quando as pessoas tiverem consciência que o esporte não

e só lazer para os deficientes, e sim algo profissional, a situação poderá melhorar” (Silva, s.d.).

Enquanto é comum encontrar depoimentos pessoais sobre o envolvimento de atletas portadores de deficiência na parca literatura nacional na área de esporte adaptado, no âmbito internacional os esforços científicos apenas iniciaram. Os depoimentos de atletas e treinadores envolvidos com o esporte adaptado são freqüentemente encontrados em páginas da Internet dirigidas ao recrutamento de novos adeptos do esporte em várias modalidades (Wheelchair Sports USA, s.d.). Outras organizações estão igualmente preocupadas com a qualidade de vida e concentram seus esforços em ofertas de programas de atividade física aos portadores de deficiências (The National Center on Physical Activity and Disability, s.d.; International Paralympic Committee, s.d.).

### *A evolução da participação no esporte de alto nível. O caso do Brasil*

O esporte para pessoas portadoras de deficiência nasceu em 1958 com Robson de Almeida, portador de paraplegia. Foi ele quem fundou no Rio de Janeiro o primeiro clube de esporte do gênero: o Clube do Otimismo. O gesto de Robson foi resultado da experiência vivida nos Estados Unidos, onde fizera tratamento de reabilitação (Silva, s.d.). O esporte para pessoas portadoras de deficiência foi crescendo, embora numa taxa muito lenta e com focos em grandes centros. Associações nacionais foram criadas para atender as necessidades em todas as áreas de deficiência, embora um programa nacional que esforços interdisciplinares e de penetração por todo o país esteja longe de acontecer.

Em 1960, realizou-se a I Paraolimpíada, tendo a participação de 23 países e 400 atletas portadores de deficiência. Apenas em 1972, na IV Paraolimpíada, na Alemanha, houve a primeira participação brasileira na modalidade de bocha, mas não trouxe medalha. Na V Paraolimpíada no Canadá, em 1976, o Brasil obteve suas duas primeiras medalhas de prata na modalidade de bocha, com os atletas Robson de Almeida e Luis Carlos Curtinho.

No ano de 2000, o Brasil conquistou 22 medalhas (6 de ouro, 10 de prata e 13 de bronze) e ficou na 24ª colocação no quadro geral de medalhas dos Jogos Paraolímpicos de Sydney. Durante esta última Paraolimpíada, o Brasil superou Atlanta-96 (21 medalhas conquistadas), embora ainda tenha ficado atrás de Seul-88 (27 medalhas) (Paralympic Games - Sydney 2000, s.d.). A evolução quantitativa ainda é pequena comparada com as Olimpíadas regulares—embora o número de medalhas seja superior. O investimento permitiu ao Brasil encerrar em Sidney uma campanha inesquecível na XI Paraolimpíada com uma delegação de apenas 67 atletas. Nestes jogos de Sidney, houve a participação de 125 países, 4000 atletas, 2000 técnicos, 1000 árbitros, 2000 repórteres, 18 modalidades esportivas, sendo 14 delas paraolímpicas: arco e flecha, atletismo, basquetebol, bocha, ciclismo, equitação, esgrima, futebol de campo e de salão, golbol,

halterofilismo, iatismo, judô, natação, rugby, tênis de campo, tênis de mesa, tiro e voleibol.

### *Investimento: Perdas, ganhos e preparação no esporte de alto nível*

O empenho na carreira atlética é muitas vezes tão intenso e integral por parte do portador de deficiência física que toda sua rotina pessoal e profissional acabam girando em torno das metas com o esporte. Para muitos atletas o esporte define sua vida inteira, tendo um sentido importante na sua identidade em geral, fragilizada pelas pre-concepções sobre “corpo perfeito” ou “corpo eficiente.” Em muitas situações os atletas tem apoio financeiro de agências de seguro de saúde ou do governo. Alguns recebem aposentadoria por invalidez. Assim, tempo não é um impedimento para os compromissos com o esporte. Para muitos portadores de deficiência física que ainda participam do mercado de trabalho conciliar o esporte com as demais atividades requer versatilidade.

Porque o esporte é um sentido para a vida, muitos atletas que param com os treinos sentem como se tivessem perdido algo. O desempenho atlético é associado com ganhos significativos não só na capacidade física e manutenção de independência, mas também para a saúde mental, incluindo a percepção de competência e identidade pessoal. Para Wheeler et al. (1999), a competência pessoal está associada com a habilidade de competir com a noção de deficiência e a instalação da baixa estima. O esporte e a superação no mesmo renova a percepção mudando a auto-estima e criando uma imagem corporal positiva. O indivíduo atleta torna-se hábil para competir no mundo, aprende a derrotar seu oponente (também portador de deficiência) com respeito e aprende a perder com dignidade. Eventualmente engaja-se nas competições com pares não portadores de deficiência (e.g., jogos integrados).

O ambiente esportivo permite ao atleta criar um senso de responsabilidade política. O atleta portador de deficiência aprende a ajudar outros competidores a superar a deficiência e a baixa auto-estima. Para a maioria dos atletas, o envolvimento e o sucesso da participação no esporte paraolímpico estão associados com a auto-estima positiva e melhora da imagem corporal. A auto-estima está relacionada com a busca pelo desempenho máximo. É, portanto, importante que este sentimento esteja suficientemente desenvolvido para que o relacionamento com os pares seja equilibrado. Este relacionamento ocorre freqüentemente com pares do esporte de alto nível e, como os atletas normalmente começam a competir cedo no nível internacional, o engajamento com os atletas da elite mundial torna-se não só constante mas de longo prazo. A auto-estima e a confiança são então constantemente alimentadas entre os pares (Palla, 1997).

O esporte adaptado tem o significado de competição do atleta contra si, contra sua deficiência, contra a vida e contra os outros. Existe uma diferença na atitude em torno da competição entre portadores e não-portadores de deficiên-

cia. No primeiro caso, a competição associa-se à superação da deficiência e, para o segundo, associa-se com a motivação externa provocada pelo adversário ou requerimento da prova atlética. Ainda, para uma pessoa portadora de deficiência, o esporte representa dois tipos de competições: um é a contra si mesmo, como já foi citado, o outro contra o conceito construído pelo não portador de deficiência. Para a sociedade não-deficiente, essa é uma competição externa. Embora em menor escala e nível de importância financeira, alguns atletas portadores de deficiências recebem retornos materiais e sociais por conta de seu desempenho esportivo. Entretanto, outra parcela investe seus recursos pessoais e manifesta apelos as fontes filantrópicas. Quando o investimento mínimo é alcançado, na maior parte das vezes, essa é a oportunidade de viajar e fazer amigos durante os jogos. Muitos atletas vêm de famílias modestas, raramente vão a um país estrangeiro, porém, uma vez envolvidos no esporte, esta oportunidade em geral se materializa (Hopper, 1984). Em países em desenvolvimento, os atletas que conseguem viajar e participar de competições em nível internacional, em geral, têm poucas chances de projeção por conta de suas limitações de saúde e tecnologia de material esportivo adaptado deficientes.

Talvez o resultado mais importante do esporte de alto rendimento para o portador de deficiência seja a construção da percepção da identidade de atleta ao invés da identidade de “pessoa deficiente.” É importante ser visto não como uma pessoa portadora de deficiência, mas como um nadador, ou um corredor, por exemplo. Para alguns atletas, o esporte, embora exponha a diversidade das habilidades—comparativamente com os atletas não deficientes—, permite a consagração de um corpo habilidoso. Por exemplo, a sensação de movimento e a percepção da habilidade na água é a mesma que as dos atletas nos esportes regulares. O atleta embora possa ver a estética de seu corpo, sente que ela é imperceptível na água por conta do desempenho. Alguns atletas não se percebem com uma deficiência, e sua cadeira-de-rodas é uma ferramenta ou extensão de sua habilidade. Muitos demonstram sua competência desafiando seus pares não deficientes nos esportes integrados que utilizam a cadeira-de-rodas.

Palla (1997) investigou as atitudes de indivíduos portadores de deficiência física e comparou com indivíduos não portadores de deficiência. Ela encontrou que ambos os grupos tem atitudes favoráveis em relação ao esporte. A participação no mesmo leva à percepções de que o esporte melhora o status social do indivíduo, é um mecanismo de alívio das tensões, é fonte de lazer, valoriza o indivíduo, desinibe e amplia a criatividade e, também, melhora a estética física ou a aparência. Entretanto, ela notou que, entre os portadores de deficiência física, estas noções dependiam do tempo de prática no esporte e do grau de escolaridade. Isto sugere que o reconhecimento (cognitivo) destes benefícios, embora popularmente advogados, são ignorados por conta das preocupações decorrentes das seqüelas da deficiência física (e.g., desempenho sexual, mobilidade, aparência, etc.).

Uma vez inserido na rotina do esporte e extrapolado o

objetivo terapêutico, o atleta inicia sua jornada no mundo das competições. Embora o esporte adaptado tenha um reconhecimento limitado por parte do público geral, o atleta acaba percebendo outras dimensões tal como política, financeira e de status pessoal enquanto ascende na categoria de atleta de elite. De fato, o esporte competitivo acaba sendo uma possibilidade de ascensão sócio-econômica e o status individual pode passar de uma simples liderança em equipe até uma liderança de repercussão nacional e internacional. O sucesso e a importância do esporte transcende o caráter individual para dar lugar a uma dimensão política, histórica e de transformação de valores, que são expressões máximas dos direitos humanos e também são uma forma de validação do conceito de diversidade (Sinclair & Orlick, 1993).

### *Responsabilidades e conseqüências do esporte de alto rendimento*

Embora o esporte adaptado de alto rendimento tenha muito mais benefícios a serem contados, é natural que existam aspectos limitantes da participação e que não fogem à regra na comparação com o esporte da população normal. Por conseguinte, diversas perdas estão associadas com o desempenho intenso no esporte e são categorizadas no âmbito social, familiar, relacional, econômico, educacional, vocacional e físico. As perdas sociais são geralmente associadas às demandas de tempo e prioridades nos treinamentos e competições o que leva ao distanciamento dos amigos não deficientes. De fato, qualquer que seja o contexto, os atletas envolvidos com esporte de alto nível não dispõem de tempo para os amigos fora do esporte.

As perdas econômicas são as viagens de competição, onde alguns atletas alocam seu dinheiro e reservas econômicas que poderiam estar em outros objetivos tão importantes quanto o esporte. Alguns atletas perdem a profissão e, com isso, o emprego. Assim vem a necessidade de se profissionalizar no esporte—o que é raro entre atletas portadores de deficiência—ou depender de filantropismo para patrocínio (Thomas & Ermler, 1988).

As perdas educacionais são associadas com o adiamento ou abandono dos estudos em níveis variados por causa da total participação no esporte. Embora em países de primeiro mundo as escolas e universidades exijam desempenhos acadêmicos para permitir representação do atleta no esporte, muitos atletas não conseguem seu máximo rendimento. Além disso, as prioridades na formação podem estar voltadas para a reabilitação, ou manutenção física que por si só tomam lugar dos ideais profissionais. Muitos atletas portadores de deficiência acabam investindo no esporte trabalhando para seus pares iniciantes.

As perdas físicas são associadas com as lesões por esforços repetitivos (LER), normalmente nos ombros e punhos. Embora a tecnologia de adaptações em cadeiras-de-rodas e equipamentos esportivos tenha evoluído no sentido de diminuir tais conseqüências, o volume e intensidade nos trei-

amentos são assuntos inéditos na pesquisa em torno do esporte de rendimento adaptado. As considerações sobre limites fisiológicos e de estresse, construídas no esporte tradicional, não devem ser literalmente transferidas ao esporte adaptado. Cada indivíduo portador de deficiência é potencialmente um mistério acerca das adaptações e respostas às demandas de esforço (Barros, 1993).

Muitas vezes a carreira atlética se encerra porque os atletas direcionam todas as suas energias em um certo período dela. Os atletas ficam obcecados e tudo o que eles vêem é o esporte. Suas necessidades de superação e participação máxima encobrem as mudanças, de um lado, psicológicas ou relacionais e, de outro, decorrentes do desenvolvimento do organismo (i.e., envelhecimento).

### *O impacto do esporte no fenômeno da auto-atualização*

Auto-atualização é um termo, segundo Ridgway e Boyd (1994) que tem muitos significados, mas, fundamentalmente inclui: aceitação e expressão dos conteúdos íntimos de um indivíduo, ou seja, constante atualização das capacidades e potencialidades, “funcionamento” pleno, disponibilidade da essência humana e pessoal; o termo também refere-se a presença mínima de doenças, neuroses. Segundo estes autores, é uma visão otimista sobre a natureza dos seres humanos estudada na psicologia humanista representada por Abraham Maslow.

Ridgway e Boyd (1994) estudaram as características de auto-atualização entre atletas portadores de deficiência e observaram que indivíduos que usavam o esporte apenas como meio recreacional experimentavam mais dificuldades de relacionamento pessoal e de desenvolvimento de relações íntimas com os colegas do que os atletas de alto nível. Tal como atletas e não-atletas não portadores de deficiências, os atletas portadores de deficiência de alto nível aparentemente já haviam resolvido tais conflitos.

A auto-atualização está relacionada à auto-estima, embora seja um conceito mais amplo. É aparente que sua evolução depende da validação do indivíduo e de suas características de identidade confrontadas com a de seus pares durante o convívio. Cientes disso, muitos educadores e pesquisadores sugerem métodos de integração e, no caso da escola, da inclusão. Em educação especial, a integração é conceituada como um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais que implica em reciprocidade (Brasil, 1994). Porém no modelo integrativo espera-se que o deficiente—e só ele—cumpra a sua parte, ou seja, a sociedade de “braços cruzados” aceita receber portadores de deficiência desde que sejam capazes de adaptar-se e vencer os obstáculos físicos e atitudinais.

O movimento em favor da integração dos indivíduos portadores de deficiência surgiu na década de 70 com o conceito de normalização que significa que devem ser dadas ao deficiente condições semelhantes às do resto da população. Este princípio representa a base filosófica e ideológica

da integração (Goffredo, 1997). Sendo assim, a palavra integrar significa, acima de tudo, oferecer oportunidades iguais, apesar das diferenças; integrar para ter acesso à educação, à saúde, ao trabalho, à cultura, ao lazer e à atividade física; acesso ao mundo físico sem barreiras.

No esporte existem modelos de integração como, os Jogos Cooperativos do Canadá, Esportes Unificados (programa onde ocorre a integração entre portadores de deficiências e atletas comuns) e atividades de aventuras, como recreação e lazer, entre outros, que materializam as propostas de integração. Programas de esporte integrado também são apresentados como estratégias com ótimos resultados, onde pesquisas apontam para uma melhora nas atitudes das pessoas normais em relação às pessoas portadoras de deficiências (Sherrill, 1998).

Existe, entretanto, uma óbvia ambiguidade neste processo. Exigir da sociedade em geral que os portadores de deficiência sejam tratados como todo mundo e, ao mesmo tempo, definir que, por conta de problemas físicos e mentais—os quais são a base do rótulo “deficiência”—, o indivíduo é elegível pra “isso ou aquilo,” cria uma relação de “protetor” e de “protegido.” Designar direitos a tratamentos especiais é uma clara evidência deste processo. Por outro lado, a oferta de benefícios sociais e acesso irrestrito são a única maneira de permitir alguma dignidade ao indivíduo que, por convenções médicas, estatísticas e sociais, desvia da norma. Esta relação de opressão, hierarquia e controle de poder tem longa data na civilização e é a raiz do preconceito (Carmo, 1994).

Embora o objetivo deste estudo limite o aprofundamento desta questão (importantíssima), vale a pena notar que estas questões de separação, estigmatização, proteção e direitos universais são clássicas na literatura dedicada aos indivíduos “diferentes.” O paralelo entre segregar e integrar/incluir pode ser feito desde clássicos importantes como Szaz (1976) até os escritos recentes nas leis sobre inclusão (Brasil, 1997).

## **A aposentadoria**

O processo ao longo da carreira do atleta dentro do esporte adaptado de elite é um fenômeno, embora recentemente estudado, reconhecidamente claro em seu papel reabilitador e de construção/reparação da auto-estima do indivíduo. Além disso, a expansão dos programas esportivos no mundo inteiro tem levado estudiosos a considerar os aspectos culturais e históricos das diferentes sociedades que têm representantes portadores de deficiências participando nos eventos internacionais. Ainda assim, embora oportunidade de participação de vários países esteja ocorrendo, a máxima performance ainda é observada exclusivamente nos poucos países de primeiro mundo. Desde o final da guerra do Vietnã, quando o esporte adaptado começou a se popularizar entre os centros de reabilitação nos Estados Unidos, apenas poucas gerações de atletas de elite de fato progrediram por todo o ciclo de evolução no esporte. Ou

seja, da iniciação até a aposentadoria.

Hoje, ainda poucos atletas de elite do esporte adaptado consideram ou se preparam para a aposentadoria em termos de esclarecimento. A grande minoria recebe alguma informação a respeito ou intervenções de organizações esportivas. Em vez de um plano, muitos apenas têm uma vaga idéia do processo (Brasil, 1994).

Várias organizações em países como os Estados Unidos estão começando a antecipar necessidades durante a fase da aposentadora geral e oferecem serviços às pessoas idosas portadoras de deficiência. O problema é que estes serviços não distinguem o idoso que adquiriu uma condição incapacitante por conta da associação envelhecimento e doença daquele idoso que é portador de deficiência de longa data. Por exemplo, o *Travelers With Disabilities* (AARP, s.d.) inclui várias opções às pessoas idosas portadoras de deficiências que planejam viajar constantemente após sua aposentadoria. Entretanto, poucas organizações incluem opções para aqueles interessados em combinar o esporte com viagens tal como ocorre com os esportes na natureza praticados pelas pessoas sem deficiências. Isto significa que o apoio e o entendimento da realidade do atleta portador de deficiência que se aposenta do esporte ainda estão longe de acontecer.

Após a aposentadoria do esporte, num estudo desenvolvido por Wheeler et al. (1999), atletas entrevistados relataram sinais de declínio físico. Estes sinais eram uma indicação de que a aposentadoria estava próxima. Entretanto, em termos práticos, nenhum entrevistado indicou um planejamento do período da aposentadoria. Neste estudo foram identificadas possíveis perdas com a aposentadoria, entre elas: depressão por não encontrar outras pessoas para relembrar os tempos das competições, ou simplesmente trocar experiências e dividir os problemas. A aposentadoria caracteriza o afastamento de uma dependência: o esporte. Estes atletas temem a aposentadoria. Apesar de muitos atletas com deficiência terem indicado uma transição satisfatória ao aposentarem, Wheeler, Malone, Van Vlack, Nelson e Steadward (1996) descreveram 11 atletas canadenses que se encontravam em processo de aposentadoria do esporte, o surgimento de uma variedade de reações emocionais adversas, como: tristeza, desespero, ameaça à identidade e depressão.

A transição para fora do esporte é associada com o grau do desempenho individual, ou seja, atletas de alto nível, em algum momento da vida esportiva, sacrificam outros aspectos da vida, como: família, parentes, carreira e educação. Em particular, com os atletas portadores de deficiência existe um interesse em garantir um suporte institucional antes e depois da aposentadoria. Em seu estudo, Wheeler et al. (1996) propõem uma análise do processo de desempenho individual dentro da estrutura de iniciação e competição, e nas fases da aposentadoria do esporte adaptado. A teoria do investimento pessoal em relação às condições da vida real foi pesquisada por Maehr e Braskamp (1986) com o objetivo de examinar a formação e o status atual das atitudes. Os tópicos destes estudos são diversos. Entre eles: orientação

motivacional de adolescentes e de adultos de meia idade a se exercitar, aderência de atletas para o tratamento das lesões esportivas, receptividade de professores secundários de educação física à inclusão de alunos portadores de deficiências, receptividade à propostas de educação em tratamento hospitalar, influência de espectadores esportivos e vários outros campos da motivação pessoal. Entretanto, raros são os estudos dedicados a este novo fenômeno: a transição do atleta de alto nível portador de deficiência para a aposentadoria.

No aspecto da transição do atleta de alto nível portador de deficiência para a aposentadoria, Maehr e Braskamp (1986) declaram que o significado do investimento pessoal é determinado pelo tempo, talento e energia investida no início da carreira esportiva. O significado do investimento pessoal inclui três facetas: incentivo pessoal, auto-percepção e opções percebidas (i.e., condições materiais e técnicas que estão à disposição do atleta na sua iniciação e aperfeiçoamento).

Aqueles atletas que começam a sentir a idade chegando, vão se preparando como treinadores de novos atletas ou administradores do esporte adaptado. Porém, este engajamento não é planejado como uma atividade durante a aposentadoria e sim, um envolvimento profissional. Muitos coordenam a atividade de atleta e, simultaneamente, sendo treinador ou administrador.

Atletas de elite apresentam várias reações por causa do afastamento do esporte paraolímpico. Para muitos, a fadiga constante é devastadora. A principal reação é a constatação desse afastamento, isto é, que a carreira atlética está chegando ao fim. Os atletas tomam consciência da idade juntamente com as dores e os danos, ou o perigo dos atletas jovens de tirar suas posições de atletas internacionais. Também, muitas vezes, identificam simultaneamente que eles estão descuidando de outras prioridades da vida, como a educação, família, emprego e o impacto do desempenho e investimento no esporte nessas outras áreas da vida. Para alguns atletas, as experiências anteriores de prejuízo combinadas com as perdas emocionais e econômicas contribuem para a decisão de aposentar-se (Wheeler et al., 1999).

A saída do esporte causa a sensação de ser excluído de novas oportunidades (participar da arbitragem ou ser patrocinado, por exemplo), diminuindo a admiração pública. É o fim de um sonho, a constatação (percepção individual) da perda de tempo e energia investidos, o sentimento de isolamento e de estar, literalmente, excluído da organização. Em alguns casos, os atletas só tomam consciência dessas perdas depois de alguns anos. Alguns atletas descrevem que um motivo para a transição é a recuperação da relação dentro da família (Wheeler et al., 1999).

A transição para a aposentadoria é uma série contínua de efeitos positivos e negativos. Essa variedade inclui raiva, aflição, tristeza até sentimentos de liberdade e alívio. Há atletas que passam por episódios de depressão, onde por muitos dias os sintomas são: ganho significativo de peso, insônia, anorexia, sentimento de inutilidade e dificuldade em concentrar-se. Há também expressões de tristeza, raiva, frustração, sentindo-se desorientado ou abatido. Estas rea-

ções emocionais significantes ocorrem porque os atletas, durante os tempos de competição e alto rendimento, desistiram de outros interesses da vida e, como já foi dito antes, de muitos amigos e familiares não portadores de deficiência. Nesta nova fase, ocorre o contrário, o afastamento ocorre com os amigos e parceiros do esporte adaptado. A falta de planejamento e os prejuízos dos excessos do esporte os conduzem à aposentadoria súbita e involuntária e, muitas vezes, precoce.

A saída do esporte tem suas vantagens e desvantagens. Existem várias organizações nacionais e internacionais, tais como Comitê International Des Sports Des Sourds (CISS), Cerebral Palsy International Sport and Recreation Association (CP-ISRA), International Sports for Persons with Mental Handicap (INAS-FMH), Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), Associação Brasileira de Desportos em Cadeira-de-Rodas (ABRADECAR), Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE), entre outras (Silva, s.d.). Estas organizações estão começando a se preocupar com o desengajamento de portadores de deficiência do esporte e da atividade física. Elas estão concentrando de maneira ainda inédita, seus esforços sobre a orientação e apoio a estas pessoas. Suas estratégias envolvem a discussão em torno de oportunidades de se mudar para algo novo, focalizar melhor as novas prioridades da vida, reafirmação das velhas amizades, tempo para coisas novas e, principalmente, sentimento de liberdade. A preocupação central destas organizações é com a qualidade de vida e manutenção dos benefícios terapêuticos do estilo de vida fisicamente ativo e livre de estresse.

Para Wheeler et al. (1999), uma das emoções positivas principais quando se aposenta é a sensação de alívio, de parar de omitir para si mesmo de que o esporte é a única alternativa para a sua identidade e auto-atualização. Eles descrevem que ocorre também sentimento de libertação de pressões. As emoções negativas são associadas com tristeza, aflição, sentimento de desorientação ou vazio, miséria, raiva e uma grande dor. Embora as decisões possam ser voluntárias, em alguns casos não o é. As aposentadorias decorrentes de lesões levam a um sentimento subjetivo de culpa e, ao mesmo tempo, de vitimização. Outros casos, por imposições das associações que antes davam o suporte para a participação e, que, no novo momento, abrem os espaços para os novos ingressantes.

Com referência às oportunidades de decisão, alguns atletas sentem que a aposentadoria é adequada, mesmo se indesejada (isto é, reconhecendo o impacto do envelhecimento e a pressão recebida). A percepção do tempo apropriado é geralmente ligada com o reconhecimento de outras prioridades importantes da vida que têm sido extremamente descuidadas (Goffredo, 1997). Os atletas são ambivalentes sobre se a decisão é voluntária ou involuntária. Por exemplo, uma doença na família pode ser a razão para uma saída voluntária, o que leva o indivíduo a focalizar outras prioridades da vida, ainda que o mesmo não deseje sair do esporte. Resumindo, a saída voluntária é associada com o reconhecimento de novas prioridades da vida, incluindo a famí-

lia, educação e carreira, enquanto que a saída involuntária é associada com lesão, ausência de alcance de sucesso ou problemas monetários. A ambivalência e a rapidez no alcance do sucesso também levam a aposentadoria. A decisão para aposentar-se é muitas vezes permanente, em alguns casos são incertos, em outros o retorno apenas paira na memória e na lembrança (Hopper, 1984).

### *Adaptação depois do esporte competitivo*

A adaptação após a transição para a aposentadoria é um processo de reinvestimento (canalização) de tempo, energia e outros aspectos, onde se recompõe os débitos (tempo para a família, amigos, educação e até financeiro) e mudança de vida. Muitos atletas sentem que devem atenção às suas famílias, por se omitirem durante suas carreiras. Em alguns casos, estas resultam em um grande débito financeiro, sendo que há atletas que ainda ficam pagando dívidas de anos anteriores.

O re-investimento no esporte é uma das maiores estratégias de ajuste adotada pelos atletas. É muitas vezes associado com treinamento, administração e envolvimento contínuo nos esportes em nível recreativo (Palla, 1997). Apesar dos atletas estarem competindo com o seu dia-a-dia, alguns não tem completamente superado o impacto da saída no esporte. Um dos resultados dolorosos é na perda de identidade atlética para a identidade “deficiente.”

Para uns atletas, a superação do impacto leva um tempo considerável. Para outros, combinam essa conclusão de identidade ao desejo de retornar ao esporte. E ainda há os que superam claramente o impacto e mudam as suas vidas (Schlossberg, 1984).

### *Apoio interpessoal e apoio institucional*

O apoio interpessoal e o apoio institucional são partes importantes da adaptação de acordo com a teoria de transição (Schlossberg, 1984). Em geral, muitos atletas recebem positivamente apoio de amigos e familiares durante e depois de suas carreiras esportivas. Contudo, os atletas são mais resistentes ao apoio de instituições esportivas de nível local, do interior, regional, nacional e internacional. Algumas opiniões variam extensamente a respeito à função das organizações esportivas em suas vidas, algumas destas são negativas. Os atletas muitas vezes sentem que as organizações são entidades só para eles, mas sendo controlados pelos administradores não-deficientes, com isso, muitas vezes deixam de considerar o bem-estar dos atletas. Os atletas também questionam que a expectativa de receber alguma forma de suporte durante a aposentadoria é grande, mostrando que esta está em falta durante a competição. Existem atletas que atribuem uma sensação de abandono e total necessidade de comunicação com a associação.

## Conclusões

O indivíduo portador de deficiência é encorajado a engajar-se no esporte por causa das necessidades terapêuticas e conseqüências sociais positivas. Devido à rápida ascensão para o esporte de elite, muitos atletas experimentam um envolvimento intenso de longo prazo e, em geral, suas opções de vida resumem-se no ambiente esportivo. A saída do esporte é uma incógnita em termos de impacto sobre os mesmos ganhos advogados na literatura em relação à entrada. Concluímos que, a aposentadoria é um fato novo para a comunidade de portadores de deficiência que pratica o esporte e, igualmente na literatura especializada, porque muitos atletas de elite que se engajaram no esporte de alto rendimento nos anos 70 e 80 estão se tornando a primeira geração de aposentados. Assim, pouco se sabe sobre o impacto da saída do atleta do esporte em suas vidas pessoais. No Brasil, o fenômeno esporte adaptado ainda está começando.

Muitos dos atletas portadores de deficiência física estão bem adaptados, entretanto omitem reações emocionais em relação a saída do esporte provavelmente por conta da típica negação humana sobre o significado e conseqüências de envelhecer. Os atletas se entregam tanto em sua carreira esportiva com custos tão altos com suas famílias, amigos, profissão, saúde física, mental e econômica que é difícil admitir que todo este esforço possa um dia ser cancelado por conta da aposentadoria. O número de atletas portadores de deficiência física em diferentes esportes ao redor do mundo sugere que a situação de engajamento, assim como afastamento são casos de igual importância e que requerem atenção das instituições de esporte adaptado nacionais e internacionais. Enquanto que muitos atletas parecem superar a aposentadoria, não tem-se idéia ainda do atual impacto e mesmo se há um declínio em sua condição social e relacional.

As oportunidades de reconhecimento do valor dos atletas individualmente, assim como do prestígio alcançado historicamente por atletas consagrados, programas de redirecionamento de atletas exemplares do passado junto às novas gerações, jogos masters (das primeiras gerações), são estratégias importantes para a melhoria nas relações instituição-atleta e também permitem um equilíbrio pessoal na fase de afastamento das competições. Estas estratégias permitem também uma forma de manutenção do status que antes era mantido pelo esporte de elite pois coloca em evidência as habilidades dos atletas sejam atuais ou alcançadas nas competições (e.g., marcas, recordes, vitórias, convocação, representação, etc.).

## Referências

AARP (s.d.). *Travelers With Disabilities*. Disponível: <http://www.aarp.org/confacts/money/travelaccess.html> [data de acesso: Junho de 2001].  
Barros, J.M.C. (1993). Recursos humanos no esporte de alto

nível. In: *Anais: Simpósio esporte: dimensões sociológicas e políticas*. (p. 143-5), E.F.E. USP, Departamento de Esportes.

Brasil (1997). *Secretaria de Educação Fundamental*. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF.

Brasil, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Física e Desportos. (1994). *Educação física e desportos: administração*.

Carmo, A. A. (1994). *Deficiência Física: A Sociedade Brasileira Cria Recupera e Discrimina*. Brasília: Ssecretaria dos Desportos/PR.

Ferreira, A.B.H. (1986). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Goffredo, V.L.F.S. (1997). *Integração ou segregação? Eis a questão! A integração de pessoas com deficiência: Contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon/SENAC.

Hopper, C.A. (1984). *Socialization of wheelchair athletes in sports*. Doctoral dissertation, University of Oregon, Eugene.

International Paralympic Committee (s.d.). Disponível: <http://www.paralympic.org/> [Data de acesso: 28 de junho de 2001].

Maehr, M.L. & Braskamp, L.A. (1986). *The motivation factor: A theory of personal investment*. Lexington, MA: Lexington Press.

Palla, A.C. (1997). *Atitudes em relação ao esporte: estudo comparativo entre atletas portadores de deficiências físicas e atletas não portadores de deficiências*. Rio Claro. 46p. Monografia, Universidade Estadual Paulista.

Palla, A.C. (2001). *Atitudes de profissionais e alunos universitários sobre a proposta de inclusão*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.  
Paralympic Games - Sydney 2000 (s.d.). [HTTP]. Disponível: <http://www.fbcrerj.org.br/paraolimpiadas/sydney.htm> [24/10/2001].

Ridgway, M.E. & Boyd, R.L. (1994). Self-Actualization of Able-Bodied and Wheelchair Male College Students. *Brazilian Internation Journal of Physical Education Research*, 1(1), 1-17.

Schlossberg, N. (1984). *Counseling adults in transition: Linking theory to practice*. New York: Springer.

Sherrill, C. (1998). *Adapted Physical Activity, Recreation and Sport. Crossdisciplinary and Lifespan* (5th ed.). Dubuque: McGraw-Hill.

Silva, J.B.C. (s.d.). *Histórico* [5]. Comitê Paraolímpico Brasileiro. [HTTP]. Disponível: <http://www.brasilparaolimpico.org.br> [20/06/2001].

Sinclair, D. & Orlick, T. (1993). Positive transitions from high performance sport. *The Sport Psychologist*, 7, 138-50.

Szaz, T. S. (1976). *A Fabricação da Loucura*. Rio de Janeiro: Zahar.

The National Center on Physical Activity and Disability, (s.d.). Disponível: <http://ncpad.cc.uic.edu/home.htm> [data de acesso: 28 de junho de 2001].

Thomas, C. & Ermler, K. (1988). Institutional obligations in

- the athletic retirement process. *Quest*, 40, 137-50.
- Wheelchair Sports USA (s.d.). *International Challenge Multi-Disability Track & Field Meet*. Disponível: <http://www.wsusa.org/forms.htm> [acesso Junho de 2001].
- Wheeler, G.; Malone, L.; Van Vlack, S.; Nelson, E. & Steadward, R. (1996). Retirement from Paralympic sport: A pilot study. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 13(4), 382-99.
- Wheeler, G.D.; Steadward, R.D.; Legg, D.; Hutzler, Y.; Campbell, E. & Johnson, A. (1999). Personal investment in disability sport careers: An international study. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16(3), 219-37.

### Nota dos autores

O presente estudo foi tema de trabalho de conclusão de curso por Melissa Rodrigues Brazuna, orientado pela professora doutora Eliane Mauerberg-deCastro e apresentado ao Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, SP.

Endereço: Rua Circolo Italiani Unit, 310  
Jardim Conceição, 8211  
Campinas, 13091-090, SP  
Tel.: (019) 9715-2778  
e-mail: melissarb@bol.com.br  
e-mail: mauerber@rc.unesp.br

*Manuscrito recebido em 25 de junho de 2001*

*Manuscrito aceito em 15 de novembro de 2001*